



Desobediências epistêmicas nas atividades extracurriculares do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Montes Claros: relato de experiências a partir de opções decoloniais

Comunicação

Raiana Maciel do Carmo
Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)
raianamaciel@yahoo.com.br

Maria Clara Leite e Oliveira
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
mariaclaraleit@gmail.com

Resumo: O presente trabalho é um relato de experiência que tem como objetivo refletir acerca das atividades extracurriculares desenvolvidas no âmbito do curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), as quais se caracterizam por opções decoloniais. O texto problematiza a necessidade de se inserir na formação inicial de professores e de professoras de música outros saberes para além daqueles produzidos pelo pensamento eurocêntrico. O desenvolvimento das atividades se deu entre os anos de 2018 a 2021 e contemplou oficinas, eventos científicos e projetos voltados para aulas de música. Dentre os resultados observados, pudemos perceber os impactos dessas ações na formação inicial na licenciatura, os quais passaram a reconhecer a importância da diversidade das práticas musicais e a necessidade de incluí-las também no currículo do curso. Além disso, também foi estabelecido um maior diálogo com a sociedade, buscando compreender as diversas realidades musicais, culturais e sociais que transcendem os muros da universidade. Concluindo, a partir dessas experiências acreditamos que pensar, fazer e ensinar música deve romper com os padrões estabelecidos pelo pensamento hegemônico moderno ocidental, pois acreditamos que apenas uma forma de interpretar o mundo implica em uma redução e silenciamento de histórias que foram subalternizadas e invisibilizadas.

Palavras-chave: Atividades extracurriculares. Opções decoloniais. Curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Montes Claros

Introdução

O presente trabalho é um relato de experiência que tem como objetivo refletir acerca das atividades extracurriculares desenvolvidas no âmbito do curso de Licenciatura em Música da Universidade da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), as quais se caracterizam por opções decoloniais. O texto problematiza a necessidade de se inserir na



formação inicial de professores e de professoras de música outros saberes para além daqueles produzidos pelo pensamento eurocêntrico, contemplando outras formas de se pensar, de fazer e de ensinar música.

O Curso de Licenciatura em Música da Unimontes está localizado na cidade de Montes Claros, situada em uma região do estado de Minas Gerais marcada pela carência de recursos, pela discrepante desigualdade social e que, no entanto, possui um rico universo de saberes e fazeres que integram as mais diversificadas manifestações culturais. Neste cenário, emerge uma diversidade de práticas musicais que não têm espaço dentro do currículo do curso, o qual ainda é predominantemente vinculado à cultura hegemônica ocidental moderna.

A partir do ano de 2018, influenciadas por um movimento que também passou a ganhar mais força na área da Educação Musical, iniciamos as nossas reflexões acerca da formação musical, da colonialidade e da decolonialidade. Essas reflexões impulsionaram discussões fundamentadas por bases epistemológicas que abordam o assunto e geraram diversas ações e projetos que foram desenvolvidos, à princípio, nas atividades extracurriculares.

Dentre as atividades extracurriculares desenvolvidas no âmbito do curso, destaca-se o Grupo PET Artes Música Unimontes, o qual é pertencente ao Programa de Educação Tutorial e na Unimontes está vinculado à Assessoria de Projetos Especiais. Este grupo desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão e é composto por 12 acadêmicos/as bolsistas e por uma professora tutora, todos/as do curso de Licenciatura em Música. As ações do grupo PET vem repercutindo o tema da descolonialidade ao abordar discussões e práticas centradas em perspectivas epistemológicas e pedagógicas que transcendem o pensamento hegemônico eurocêntrico, amplamente difundindo no processo de institucionalização do ensino superior de música no Brasil (QUEIROZ, 2019).

Dentro dessa perspectiva, este relato apresenta as experiências vivenciadas no grupo entre os anos de 2018 a 2021, as quais merecem o registro por terem sido inovadoras, preenchendo as lacunas de um currículo que poderia ser mais plural, além de terem provocado mudanças significativas nos nossos olhares sobre música e também sobre o mundo.



Pressupostos teóricos

As atividades mencionadas neste relato foram desenvolvidas a partir de um embasamento teórico que busca subverter a lógica curricular que rege o curso de graduação. Elas surgiram a partir do entendimento de que, para o desenvolvimento de uma formação efetiva, é necessário que haja um profundo reequilíbrio decolonial (QUEIROZ, 2020) dos saberes e, conseqüentemente, dos currículos como um todo.

Para a efetivação dessas atividades, foi imprescindível compreender os conceitos que permeiam as discussões e ações propostas. Enquanto, segundo Quijano (1992), o colonialismo é um processo de dominação direta e explícita por vias políticas, militares, sociais e culturais que visa a exploração do trabalho e recursos das colônias pelos colonizadores. Já a colonialidade se caracteriza por uma “hegemonia de conhecimentos, saberes, comportamentos, valores e modos de agir de determinadas culturas que, ao serem impostos a outras, exercem um profundo poder de dominação” (MALDONADO-TORRES, 2007), o que promove a subalternização do imaginário dos povos dominados por essa lógica.

Sendo assim, é importante observar que a colonialidade age profunda e violentamente sobre as questões intangíveis, epistemológicas e simbólicas dos povos e culturas, direcionando as pessoas a uma observação aumentativa dos modos de vida dominadores em relação aos seus próprios. Ela é perene nas sociedades produto da colonização europeia, e:

[...] se mantém viva em manuais de aprendizagem, no critério para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Nesse sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente. (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131, tradução nossa).

Quijano (2007) explica que a colonialidade é parte constitutiva do sistema capitalista e, sendo assim, indissociável da modernidade, que ele define como “novo universo de relacionamentos intersubjetivos de dominação sob hegemonia eurocêntrica” (QUIJANO, 2007, p.94, tradução nossa).



A partir destas observações, o conceito de decolonialidade se apresenta como sendo uma lógica contra hegemônica que busca subverter a matriz de poder imposta pela modernidade, e conseqüentemente, a colonialidade. Restrepo e Rojas (2010, p. 16-17, tradução nossa) a definem como sendo o:

[...] processo que busca transcender historicamente colonialidade. [...] A decolonialidade supõe um projeto com um rascunho muito mais profundo e trabalho urgente em nosso presente; supõe subverter o padrão de poder colonial, mesmo depois que o colonialismo foi quebrado.

Nesse sentido, a desobediência epistêmica é efetivamente se desvincular da lógica da modernidade (QUIJANO, 1992), através de opções decoloniais, ou seja, de “buscas diferentes das consolidadas” (QUEIROZ, 2020), neste caso, no curso de Licenciatura em Música da Unimontes.

As práticas decoloniais desenvolvidas no âmbito das atividades que serão descritas e analisadas neste relato se incluem nas proposições analíticas abordadas por Luis Ricardo Queiroz (2020) em seu texto: “Até Quando Brasil? Perspectivas Decoloniais para (Re)Pensar o Ensino Superior em Música”. Tais proposições definem a necessidade de inserir nos currículos a diversidade de culturas musicais brasileiras e de outros lugares do mundo; de conectar melhor as atividades e os currículos dos cursos de formação de professores e de professoras com a realidade de alunos e de alunas; de repensar a estrutura desses cursos e programas; de eleger a criação musical e a pesquisa científica como pilares da produção efetiva de conhecimento em música e, por fim, compreender a música como um fenômeno humano indissociavelmente ligado à ética e à justiça social, e não mera produção sonora (QUEIROZ, 2020).

É possível apontar nas atividades aqui expostas a conexão com o proposto no texto supracitado, bem como observar conexões com outras referências teóricas importantes para a revisão de literatura que embasa a discussão sobre colonialidade e decolonialidade nas licenciaturas em música. Publicações acerca desta temática ganharam maior impulso com a implantação de graduações em música, em especial as licenciaturas, em todas as unidades da federação e a criação de novos cursos de pós-graduação na área a partir do início dos anos 2000 (QUEIROZ, FIGUEIREDO, 2016), e com a compreensão da necessidade de



distanciamento dos modos de pensar e fazer eurocêntricos (PEREIRA, 2012; COUTO, 2014; QUEIROZ E PEREIRA, 2020).

Atividades desenvolvidas e reflexões

Todas as ações do Grupo PET são registradas em um planejamento anual que contempla os objetivos, a justificativa, a metodologia e os resultados esperados. Dessa maneira, ao longo do ano o grupo segue um cronograma de ações previamente estabelecidas, mas também pode incluir novas propostas. O que chama a atenção é o formato deste programa, tendo em vista que dentro do universo da pesquisa, do ensino e da extensão, ele possibilita aos/as próprios/as integrantes criarem os seus projetos e ações, atendendo à comunidade acadêmica, mas também às demandas apresentadas pela sociedade.

Dessa forma, no período em que participamos do grupo tivemos a liberdade de escolher quais propostas seriam desenvolvidas, o que possibilitou a inserção de temáticas emergentes e que anteriormente nunca haviam sido discutidas no curso de graduação com profundidade. Além dessas temáticas, também pudemos explorar novos formatos de atividades.

Nesse sentido, todas as atividades descritas nesta seção foram realizadas dentro do planejamento do grupo e desenvolvidas entre os anos de 2018 e 2021. As propostas de práticas fundamentadas na decolonialidade foram sistematizadas e organizadas para ocorrerem em um cronograma estabelecido para o ano e envolveram um processo inicial de sensibilização dos/as acadêmicos/as do grupo acerca de um assunto novo, com rodas de conversa, leitura de textos e realização de pesquisas.

Como foi dito anteriormente, descreveremos cada uma dessas propostas tomando como base as proposições decoloniais para a formação musical no ensino superior, definidas por Queiroz (2020). A primeira proposição analítica que servirá de base para as nossas reflexões é abordada por este autor da seguinte maneira: “Conhecer e incorporar diferentes tipos de música produzidos no Brasil e em outros contextos culturais do mundo”.



Essa proposição foi contemplada em inúmeras ações desenvolvidas pelo grupo. A diversidade das práticas musicais do Brasil e do mundo foram abordadas em diversos projetos e ações, todas explorando não apenas as músicas em seu aspecto sonoro e estrutural, mas todo o conjunto de significados atribuídos a estes diversos fazeres musicais. Este olhar abrangente sobre música foi aprofundado através da realização de pesquisas, sobretudo, na área da etnomusicologia.

O início das atividades com este perfil se deu através da realização da oficina "Vivências musicais e cultura popular: atividades para a sala de aula", realizada no ano de 2018. Nessa experiência selecionamos várias músicas do repertório da cultura popular brasileira, contemplando o Jongo, o Carimbó, a Folia de Reis, o Congado, dentre outras, e realizamos um estudo acerca dessas manifestações. Este aprofundamento foi fundamental para definirmos como as atividades poderiam ser desenvolvidas, abordando também o universo cultural e social dessas práticas.

A partir dessa oficina, consideramos que explorar o rico repertório das culturas populares seria um dos focos das nossas atividades. Dessa maneira, procuramos incluir em grande parte dos nossos projetos as manifestações musicais que compõem o patrimônio imaterial brasileiro. Um desses projetos foi o curso de Musicalização Infantil da Unimontes, voltado para crianças de 02 a 06 anos de idade. Durante o segundo semestre de 2019, trabalhamos o repertório dos ternos de congado da cidade e as crianças puderam conhecer com mais profundidade as músicas desses grupos, assim como a sua história e a importância de salvuardá-los.

Essa experiência no curso de musicalização motivou a criação do projeto "A cultura popular brasileira nas aulas de música", o qual contemplou a adaptação de músicas da cultura popular brasileira às atividades musicais voltadas para a educação infantil. Este projeto abordou, primeiramente, uma intensa pesquisa acerca dessas manifestações, evidenciando estudos realizados em diversas áreas, sobretudo na Etnomusicologia, além dos registros de vídeo encontrados no YouTube. A partir da coleta das músicas, criamos atividades com foco nas crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.



A continuidade deste projeto ocorreu durante o período de isolamento social, de suspensão das atividades presenciais, ocasionada pela pandemia da COVID-19. Sendo assim, o projeto, que inicialmente tinha como foco a realização de oficinas, passou por uma adaptação, que resultou na produção de vídeos, gravados pelos/as integrantes do grupo, com o repertório da cultura popular. Estes vídeos poderão ser assistidos no Canal do Youtube do Grupo PET Artes Música Unimontes.

É importante ressaltar que essa proposta proporcionou tanto para os/as acadêmicos/as quanto para o público atendido, uma visão mais ampla de uma educação multicultural. A utilização das atividades voltadas para a cultura brasileira proporcionou melhorias para o curso de graduação ao aprofundar os conhecimentos dos/as acadêmicos/as acerca da diversidade musical do país.

Este olhar ampliado sobre os diversos repertórios existentes no Brasil também nos conectou às práticas musicais existentes em outros locais do mundo que não eram contempladas nas aulas de História da Música ou em outras disciplinas do currículo. Sendo assim, criamos o projeto “Músicas do mundo para crianças”, o qual compreendeu a realização de pesquisas aprofundadas acerca do repertório de músicas infantis de diversos países. Após estes estudos, algumas músicas foram selecionadas e gravadas em vídeos pelos integrantes do grupo, os quais estão disponíveis no Canal do Youtube do Grupo PET Artes Música.

Uma outra proposta analítica abordada por Queiroz (2020) foi a de “criar diálogos efetivos entre os cursos de formação superior em música e a realidade musical que circunda as universidades”. Essa proposta, em especial, condiz de forma significativa com as ações que foram realizadas pelo grupo, tendo em vista que um olhar apurado para o nosso curso de graduação revelou a distância das práticas musicais contempladas no currículo com a realidade musical existente fora da universidade.

Nessa perspectiva, buscando estabelecer diálogos e trocas com as manifestações culturais locais, realizamos em 2018 o III Fórum de Pesquisa em Música da Universidade Estadual de Montes Claros, que teve como tema “Pesquisa em Etnomusicologia no Brasil contemporâneo: temas, dilemas e perspectivas em tempos críticos”. Neste evento, contamos com a participação dos mestres dos ternos de marujos e de catopês e da mestra



do terno de caboclinhos, representantes de grupos que fazem parte do congado da nossa cidade. Nesta oportunidade, a comunidade acadêmica pôde trocar experiências com as vivências dessas pessoas que buscam de forma constante salvaguardar as suas práticas musicais e religiosas. Para além de discutir sobre pesquisa em etnomusicologia, foi um momento bastante significativo de escuta sobre as histórias dos ternos, sobre os desafios encontrados e sobre a importância das culturas populares. Os resultados dessa atividade ficaram evidentes tanto para os/as mestres, que se mostraram felizes em poder trazer para a universidade o seu olhar sobre o mundo, bem como para os/as acadêmicos/as que se sentiram motivados a buscarem mais informações acerca deste universo musical que para muitos/as era tão distante.

Dentro dessa proposição, uma outra troca significativa foi realizada no ano de 2019, a oficina intitulada “Trilhas Decoloniais: música, simbolismo e história nas cantigas de umbanda”, desenvolvida em parceria com o Grupo PET Ciências da Religião da Unimontes. Neste evento, contamos com a participação de professores/as da universidade, mas também do pai Renato (Tateto Italandê/Roça N’Guinzo kaiala Mazambi) e de participantes do terreiro no qual ele é o responsável. Ao longo do debate, pai Renato falou sobre as músicas da umbanda e algumas delas eram tocadas ao vivo no auditório da universidade. Acreditamos que em nenhum momento anterior a este, o curso de Licenciatura em Música havia contemplado este repertório musical em qualquer outra atividade, sendo representativo para as pessoas que seguem a religião e para aquelas que puderam ter o primeiro contato com essa prática musical e religiosa. O encontro proporcionou a abertura de um debate mais consistente sobre religiões de matrizes africanas e incentivou a realização de pesquisas dentro deste tema.

Além das duas propostas analíticas citadas anteriormente, também nos inserimos em uma das diretrizes propostas por Queiroz (2020) que diz respeito a “trabalhar música como um fenômeno complexo e amplo que abrange ética e justiça social”. Conforme este autor:

No Brasil, isso implica que uma perspectiva decolonial de formação musical passa intrinsecamente pela vinculação das práticas de ensino ao combate à violência, ao preconceito, às exclusões e às mortes físicas e simbólicas que dia a dia estão estampadas no retrato do nosso país (QUEIROZ, 2020).



Dentro dessa perspectiva, pensamos em ações que pudessem contemplar discussões urgentes e não debatidas de forma significativa no âmbito do curso. A primeira delas foi a realização do II Seminário do Grupo PET Artes Música Unimontes, com o tema “(Re) construindo o conhecimento na educação superior em Música: temas emergentes”. Neste evento, realizado online, contamos com a participação de pesquisadores e de pesquisadoras de diversas partes do país que discutiram sobre colonialidade e opções decoloniais em cursos superiores de música, além de um debate inédito no curso sobre “Mulheres na música: reflexões sobre silenciamento e representatividade no cenário da educação superior”.

Tendo em vista a sua realização de forma remota, este seminário foi assistido por um número considerável de pessoas, de todas as regiões do país e teve um impacto importante no âmbito do próprio curso. Não apenas nós, integrantes do grupo, como também outros/as acadêmicos/as da licenciatura sentiram a necessidade de buscar mais informações sobre os novos assuntos discutidos. Pudemos acompanhar relatos de pessoas que se sentiram representadas pelos temas abordados e se encontraram em discussões sobre música que nunca pensaram que pudessem existir. Na nossa perspectiva, em especial, nos sentimos ainda mais motivadas a incluir a diversidade de temas ainda não explorados na graduação nas nossas diversas atividades.

Nesse sentido, o grupo sentiu a necessidade de prosseguir com as discussões sobre decolonidade sob a perspectiva das bases teóricas que a fundamentam e também sobre experiências práticas e de realização de pesquisas científicas acerca deste assunto. A partir dessa sugestão, criamos em 2021 o Grupo de Estudos Decoloniais em Música, com o objetivo de propor o diálogo com outros saberes para além daqueles tão difundidos pelo pensamento eurocêntrico. Tendo em vista que as atividades presenciais ainda estavam suspensas, devido a pandemia da COVID-19, o grupo funcionou no formato online, o que foi bastante interessante porque pôde abarcar participantes de diversas universidades do país. A dinâmica do grupo acontecia com leitura de textos e uma reunião mensal para discuti-los. Vale destacar que em vários encontros pudemos contar com a participação dos autores e das autoras dos textos, o que foi uma experiência muito rica.



Ao final do primeiro semestre de atuação do grupo, pudemos perceber que as discussões sobre decolonialidade, antes somente tratadas nessas atividades extracurriculares, passaram a fazer parte de debates fomentados por acadêmicos e acadêmicas dentro das disciplinas. De forma especial nas disciplinas de pesquisa um novo olhar para a investigação científica pôde surgir com a escolha de temas inéditos para as monografias, tais como a política de cotas, racismo, o lugar da mulher nos cursos de graduação em música. Essa percepção vai de encontro a uma outra proposição citada por Queiroz (2020) que é “instituir a pesquisa como estratégia efetiva para uma formação em música pautada na produção de conhecimento”. Mesmo não sendo foco deste trabalho, é importante destacar como as atividades de pesquisa, que estão no currículo, têm se ampliado para um olhar mais sensível acerca da diversidade.

Todas essas experiências vivenciadas durante o período em que fizemos parte do grupo contribuíram para a nossa formação profissional e pessoal. Elas nos mostraram que existe um caminho possível para a inserção de opções decoloniais em um curso de graduação demarcado, sobretudo, pelas referências da música europeia. Percebemos que a realização dessas ações e projetos em atividades extracurriculares são o início de um percurso que deve chegar até o próprio currículo, para que mudanças mais profundas sejam uma realidade.

A partir do segundo semestre do ano de 2021 nos desvinculamos do grupo, mas ele segue executando as suas atividades e prosseguindo com o seu importante papel de consolidar outras práticas e discursos sobre música.

Considerações Finais

Este relato de experiência refletiu acerca das opções decoloniais desenvolvidas em atividades extracurriculares no âmbito da Licenciatura em Música da Unimontes. Tais atividades ocorreram dentro do Grupo PET Artes Música, o qual tem se destacado por proporcionar uma formação inicial de professores e de professoras de música com um olhar mais atento para a diversidade, além do papel social que tem cumprido ao realizar trocas enriquecedoras com a sociedade, escutando as suas demandas.



Ao transitar por caminhos diferentes dos que estão demarcados no currículo da licenciatura, o grupo assumiu a sua desobediência epistêmica e deu início a uma série de debates e de práticas pouco ou nunca abordadas nos componentes curriculares do curso. A partir daí foram realizadas oficinas e projetos para crianças envolvendo as culturas populares, assim como eventos acadêmicos que discutiram sobre a colonialidade no ensino superior de música no Brasil, a representatividade das mulheres na música e acerca das religiões de matrizes africanas. Além disso, o debate foi se aprofundando com a criação de um grupo de estudos decoloniais voltado, especificamente, para a área de música.

Pudemos perceber que essas atividades tiveram um impacto significativo para além das discussões do grupo, tendo em vista que os assuntos discutidos nestes eventos nos levaram e também aos/às outros/as os/as acadêmicos/as a repensar a sua própria formação, sentindo a necessidade de discutir também as opções decoloniais no âmbito das disciplinas. A inserção dessas atividades também proporcionou uma formação mais humana, com um olhar atento para a diversidade e o combate a todo tipo de preconceito existente.

Por fim, as ações descritas ao longo deste relato refletem as proposições analíticas sugeridas por Queiroz (2020) em seu texto e buscam reivindicar novas maneiras de ver e estar em sociedade e dessa maneira, repensar a formação inicial e a atuação profissional de professores/as de música. Acreditamos que apenas uma forma de interpretar o mundo implica numa redução e silenciamento de histórias subalternizadas e invisibilizadas.

Referências

COUTO, Ana Carolina Nunes. Repensando o ensino de música universitário brasileiro: breve análise de uma trajetória de ganhos e perdas. *Opus*, v. 20, n. 1, p. 233–256, 2014. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/111>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (Org.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167. Disponível em: <http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfoguelpcastrogomez.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.



MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* [online], v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. Ensino Superior e as Licenciaturas em Música: um retrato do habitus conservatorial nos documentos curriculares. 2012. 279f. *Tese* (Doutorado em Educação). Campo Grande, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2012.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Até quando Brasil? Perspectivas decoloniais para (re)pensar o ensino superior em música. *PROA: Revista de Antropologia e Arte*, v. 1, n. 10, p. 153-199, 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1vpgq6m9T9sgUmx8VZu31qD06l8n0co_D/view. Acesso em: 20 ago. 2022.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Educação musical como cultura: nuances para interpretar e (re)pensar a o ensino de música no século XXI. *DEBATES - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Música*, n.18, p. 163-191, 2017. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/revistadebates/article/view/6524>. Acesso em: 20 ago. 2022.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva; FIGUEIREDO, Sergio. The World Declaration on Higher Education for the Twenty-First Century' and perspectives for Music Education in Brazil. In: *Proceedings of the 26th International Seminar of the ISME Commission on Research*, 2016, London: International Music Education Research Centre (iMerc) Press, 2016. p. 205-213. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/10d8hHrlue3f7wabkICDsUqoly9X5jGu/view>. Acesso em: 20 ago. 2022.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva; PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros de. Coloniality in Music Teacher Education: The Current Reality of Undergraduate Programs in Brazil. In: *WORLD CONFERENCE ON MUSIC EDUCATION* (Online), 34., 2020, Helsinki. *Proceedings...* Australia: International Society for Music Education, 2020. p. 523-531. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1zQOUr1GQr9XQ0t6STZ7PFBZVPboMLOS6/view>. Acesso em: 20 ago. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. Tradução de Dina Lida Kinoshita. *Novos Rumos*, n. 37, 2002. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/NOR/NOR0237/NOR0237_02.PDF. Acesso em: 20 ago. 2022.

_____. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena*, Lima, v. 13, n. 29, p.11_-20, 1992. Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.



abem

Associação Brasileira
de Educação Musical



RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel Alejandro. *Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos*. Popayán: Universidad del Cauca, 2010. Disponível em: <http://www.ramwan.net/restrepo/documentos/Inflexion.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

XVI ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM
Educação Musical em redes: desafios e diálogos contemporâneos **2022**